



“Boa noite. Obrigada por terem vindo.”

Soa o segundo sinal. As luzes da plateia ainda estão acesas. Entra no palco, em frente às cortinas fechadas, Claudia Werneck, idealizadora da Escola de Gente.



“É um prazer compartilhar com vocês as emoções de vivenciar, na prática, a expressão *difusão e acesso à cultura* em seu sentido mais amplo. Sem acessibilidade na comunicação, não há acesso nem fruição da cultura; não há intercâmbio de saberes, percepções, formulações que impactem e incidam na construção de um país culturalmente democrático. Assim, de acordo com o disposto na legislação nacional e nas normas internacionais, este espetáculo conta com medidas de acessibilidade física e na comunicação.

Bom divertimento. E não resistimos à oportunidade de sugerir que observem o quanto um espetáculo de teatro acessível é útil e agradável para qualquer pessoa, tenha ela dislexia, seja idosa, tenha esquecido seus óculos para longe em casa, seja analfabeta, esteja deprimida, cansada ou muito feliz.

A acessibilidade, mais do que garantir direitos, fortalece nosso percurso e as chances de nos relacionarmos com a cultura e com o mundo – de dentro e de fora.

Incluir é humanizar caminhos, como está expresso no livro *Ninguém mais vai ser bonzinho, na sociedade inclusiva*, que inspirou esta peça.”



Rio de Janeiro, 2007



ATO I

A peça começa com um diálogo entre um sábio e um Includo.

As luzes se apagam. Desce uma tela branca, onde será projetado o prólogo do espetáculo em forma de um curta-metragem com acessibilidade.

62

Depois de subir a montanha, um Incluso acende sua lanterna, entra na caverna escura, e se depara com o grande sábio em seu trono dourado. Este olha atentamente para o Incluso, faz uma “típica cara de sábio” e depois de um longo silêncio...

SÁBIO – Justo o teatro, cara???

INCLUSO – É porque medicina e direito estavam muito concorridos...

SÁBIO – Sério?

INCLUSO – Brincadeira! Sabe, seu sábio, acho que cada pessoa tem uma história mais ou menos bonita pra contar sobre como virou lixeiro(a), arquiteto(a), físico(a) ou artista. E com nós, Inclusos, não é diferente. Esta é a profissão que escolhemos.

SÁBIO – Mas precisava fazer faculdade de teatro? Não poderia escolher um curso mais tranquilo?

INCLUSO – Sábio, o senhor tem mãe?

SÁBIO – Hum rum.

INCLUSO – Então entende o que estou dizendo. Mas fora isso, lembro que quando me preparava para o vestibular alguém me perguntou: “vai prestar pra quê?”. Respondi: “artes cênicas”, no que o colega retrucou: “digo... profissionalmente”. Entende? Estou falando de preconceito... Artista ainda leva muita surra por conta disso. Daí a importância do apoio da família e de um bom ambiente de formação.

SÁBIO – Vejo que você e os Inclusos acreditam no teatro...

INCLUSO – E na Inclusão. Acho que na medida em que vamos acreditando numa sociedade melhor para todos o teatro faz cada vez mais sentido, e isso me dá ânimo para sensibilizar outras pessoas, a sociedade...

SÁBIO – Então teatro e sociedade estariam intimamente ligados?

INCLUSO – Oh, sim! Bastante! O teatro é igual a uma carroça (*rindo*). O artista é o burro e atrás dele(a) tem um monte de coisas amarradas que ele(a) sai puxando.

SÁBIO – Tipo o quê?

INCLUSO – Educação, cultura, responsabilidade social, desejo por um mundo melhor... Tudo isso é teatro, porque é arte. E arte, acima de tudo, está aí pra questionar, acrescentar, considerar, refletir, instigar. Essas coisas.

SÁBIO – Isso não é politicamente correto demais?

INCLUSO – De forma alguma! Provocar nem sempre é agradar, ser bonzinho. E pode ser divertido, prazeroso! Não é ser chato, sabe? É o que um Includo tenta fazer. Cada artista é meio pretensioso, quer mudar o mundo. No grupo *Os Inclusos e os Sisos*, percebi que a inclusão e a arte não estavam tão distantes porque ambas querem transformar o mesmo mundo.

SÁBIO – Inclusão... já ouvi falar. Tem a ver com ajudar as pessoas com deficiência, né?

INCLUSO – Não é isso. Tem a ver com formar uma sociedade onde todas as pessoas tenham direitos iguais. Tipo... Ninguém precisa ser bonzinho com ninguém. Por isso o *Ninguém mais vai ser bonzinho* foi um trabalho muito importante pro grupo.

SÁBIO – Por quê?

INCLUSO – Porque conseguimos aliar o conceito de inclusão e seus questionamentos com o teatro, que por si só agrega a ideia de questionamento em seu conceito. Gostou do trocadilho? O que fizemos, na verdade, foi tomar a plataforma artística que o teatro disponibiliza para potencializar um conceito.

SÁBIO – E funcionou?

INCLUSO – Acho que sim. Artisticamente e como forma de explorarmos melhor os potenciais do grupo em favor da causa. Hoje somos artistas e agentes da inclusão, continuamos estudando e debatendo o assunto. Criamos a todo momento cenas, esquetes, espetáculos novos.

SÁBIO – E pra você o que mudou?

INCLUSO – Olha... A primeira coisa que entendo, na prática, é que... lá vem aquela velha frase que usamos... a inclusão é um conceito transversal. Ela faz parte de toda nossa vida, de forma intrínseca. E vi que pra poder mudar o mundo, precisava me transformar também. A mim e às minhas práticas.

SÁBIO – Há algo mais que você queira dizer?

INCLUSO – Ué, achei que era você quem iria me dizer algo, me tirar algumas dúvidas...

Por Diego Molina



CENA I - Nascimento - de parto muito natural

*O telão sobe até desaparecer no teto. As cortinas se abrem, as luzes do palco se acendem.
O espetáculo começa. Entram em cena **Bruno, Marcos e Talita.***

66

MARCOS – “Olha só, quer fazer um grupo? Tô chamando algumas pessoas que gosto da nossa turma...” – me falou a menina que andava de salto alto nos corredores esburacados do jardim da faculdade. Sem saber do que se tratava e mesmo desconfiado da menina que andava de salto nos corredores esburacados do jardim da faculdade, aceitamos na hora!

TALITA – Quando eu imaginava a criação do grupo, não pensava que após quase sete anos de muito trabalho seríamos uma equipe de pessoas tão amigas, que se admiram e querem continuar atuando em conjunto. É maravilhoso perceber o quanto somos cúmplices, nos divertimos e vibramos com nossas conquistas. Claro, já passamos por momentos conturbados, mas com a convivência e empenho essas fases se transformaram em aprendizado. Ser Incluso nos fez e nos faz felizes.

BRUNO – A Talita sempre quis formar um grupo de teatro para falar de inclusão. A inspiração vinha de dentro da própria casa, diariamente. Vinha de sua mãe, Claudia Werneck.

TALITA – Eu sugeria a criação do grupo para a minha mãe toda hora, mas ela nunca dava bola...

BRUNO – Até o dia em que Patrícia Moreira, que trabalhava na Escola de Gente, teve a mesma ideia e sugeri: “Por que não pedimos para a Talita criar um grupo de teatro para abordar a inclusão?” Foi aí que a Claudia se tocou e a Talita chamou a gente!

TALITA – O primeiro encontro foi numa tarde de sábado, lá em casa. Minha mãe falou umas seis horas sobre inclusão, deu exemplares de seus livros para Anna, Bruno e Marquinhos lerem; e também o *Manual da Mídia Legal 1 – Comunicadores(as) pela Inclusão*, da Escola de Gente. Depois saímos e mesmo já bem tarde da noite, em um bar, continuamos a falar de inclusão. Até ligamos para a minha mãe no meio da noite querendo tirar umas dúvidas. Ela conta que nessa hora percebeu que o grupo ia dar certo. A Escola de Gente não tinha recursos para nos bancar, só receberíamos pelas apresentações quando a organização também recebesse. Nós topamos e começamos logo a ensaiar. Patrícia avisou que a primeira apresentação já seria uns 30 dias depois.

MARCOS – Mas... do que a gente iria falar? Como falar? Que formato... exatamente? Pensamos em esquetes.

TALITA – Porque o objetivo não era criar qualquer coisa. O grupo tinha que ter um diferencial, devia combinar com o perfil da Escola de Gente. Quando chamei vocês, a ideia era usar o teatro e as nossas aptidões para falarmos sobre inclusão com toda a nossa criatividade.

BRUNO – Mas era preciso que alguém orientasse os ensaios, guiasse nossos debates, cada vez mais extensos. Precisávamos de um(a) diretor(a). E chamamos o Eduardo Vaccari, também da UNIRIO. Ali o grupo estava formado e nossos anseios artísticos fervilhando!

MARCOS – Só que a gente precisava de um nome. Afinal, todo mundo precisa de um nome. “Inclui o Rui”? “Incluídos(as)”? “Me incluí também”? “Me incluí que eu gosto”? “Os(As) Inclusivos(as)”? “Os(As) Inclusos(as)”? “Os(As) Molares”? “Os(As) Pré-molares”? Ei, minha mãe é dentista! “Os(As) Sisos”? “Os Inclusos e os Sisos”? Faz todo o sentido. O siso... Lembra aquele dente problemático que ninguém sabe o que fazer? *Os Inclusos e os Sisos* ficou.

Anna Paula Ganter



Marcos Nauer



Bruno Perlatto



Talita Werneck



Off da ESCOLA DE GENTE – O grupo nasceu em 2003 e era composto por Anna Paula Ganter, Bruno Perlatto, Marcos Nauer e Talita Werneck, amigos(as) e estudantes da mesma turma de Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Off da ESCOLA DE GENTE – A primeira apresentação foi no dia 6 de junho de 2003, no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Rio de Janeiro, durante o Curso de Formação de Multiplicadores da Metodologia das Oficinas Inclusivas entre Líderes do SENAC, realizado pela Escola de Gente a convite de Joana Botini. Dias antes, as esquetes foram mostradas e aprovadas por José Ferreira Belisário e Rosane Lowenthal, conselheiros(as) e consultores(as) da Escola de Gente. Claudia Maia, que chegava, assumiu a coordenação do projeto. Em seguida, no dia 23 de julho de 2003, nos apresentamos na Semana Interna para Prevenção de Acidentes, no Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), a convite da Comissão Interna para Prevenção de Acidentes (CIPA). A reação efusiva das duas plateias nos indicou que estávamos na direção certa. Começamos a planejar um lançamento oficial e público do grupo, o que aconteceu no ano de 2004.



Curso de Formação de Multiplicadores da Metodologia das Oficinas Inclusivas entre Líderes do SENAC



CENA II - Claudia Maia - coordenando e “se aventurando”

“A minha história na Escola de Gente se confunde com o começo do projeto *Os Inclusos e os Sisos*, um teatro pela diversidade. Em 2003, fui contratada para coordenar um outro projeto, chamado *Encontros da Mídia Legal*, na época em sua segunda edição. Mas uma ideia de Claudia Werneck e Patrícia Moreira, então gerente de projetos da organização, com pitadas acertadas de Talita Werneck, mudou a minha rotina e entrei no mundo da arte para transformação social ainda naquele ano.

Muitas reuniões, capacitações, escolhas, textos e esquetes rolaram na UNIRIO e na primeira sede da Escola de Gente, ainda no endereço da Av. Fleming 200, nosso querido QG, até o lançamento em julho de 2004, na Firjan, no Rio de Janeiro. E depois vieram muitas outras reuniões, capacitações, escolhas, textos e esquetes... Mudanças, planejamento estratégico, novos(as) integrantes... Muitos dilemas do mix do social com o cultural... E todas as questões inerentes a projetos de juventude...

Aprendi e ainda aprendo muito. Ri e ainda rio muito. Também me descabelei e fiquei brava (pelo menos não me renderam os primeiros fios brancos!). Perambulei com o grupo: de van pelo Rio, de avião pelo Sul e Nordeste, carregando a cadeira de rodas no meu primeiro carro. Mas, no final de 2006, com muita certeza e orgulho, era hora de passar o bastão. Danielle Basto, que também entrou na Escola de Gente em 2003, tornou-se a nova coordenadora. E mais uma história se confunde e tem início...”

Claudia Maia
Coordenadora Técnica
da Escola de Gente



Rio de Janeiro, 2007



CENA III - Pré-estreias... Concorridas!

BRUNO – Em 2004, o grupo cresceu. Convidamos mais dois artistas estudantes da UNIRIO para atuarem conosco: Diego Molina e Natália Simonete.

73

Diego e Natália entram em cena

DIEGO – Nessa época ocupávamos funções diferentes daquelas que exercemos hoje. Entramos como ator e atriz (e também para operar o som). Hoje eu sou diretor e autor; Natália passou a integrar a equipe técnica da Escola de Gente e assumiu a coordenação do projeto em janeiro de 2009. Está deixando de ser atriz, cuida dos bastidores... Está fazendo MBA em administração. Mas todos nós continuamos operando o som muito bem. Disso ninguém escapa, nem as outras pessoas da equipe da Escola de Gente – Fábio, Felipe, Dani –, nem a Natália!

NATÁLIA – Quando vi pela primeira vez o trabalho do grupo, imediatamente reconheci que estava diante de algo novo, original e revolucionário. Nunca tinha visto teatro daquele jeito, falando de assuntos que eu até então julgava tristes, incômodos e desagradáveis de uma forma absolutamente descontraída, bem humorada e muito, mas muito engraçada. Morri de rir! “Isso é coisa boa”, pensei. E não seria boba de não agarrar aquela chance com unhas e dentes! “Gente, eu faço isso com os outros! Gente, já fizeram isso comigo!” Impossível não se reconhecer nas situações. Impossível não perceber que muitas vezes, mesmo sem querer, somos agentes e alvo de discriminação. Fui imediatamente “mordida pelo bichinho da inclusão”. E agora, depois de cinco anos trabalhando no grupo, dou a vez para outras atrizes. Em breve elas subirão ao palco e passarão ao público – como eu passei – o ideal de uma sociedade melhor, em que todos(as) nós acreditamos. Continuo sendo um Incluso. Mas, agora, atrás da cena. Ajudando as cortinas a se abrirem.



Off da ESCOLA DE GENTE – Dois anos de existência como ONG e uma equipe técnica só de jornalistas. Não tínhamos experiência na área artística. Era preciso confiar totalmente na sensibilidade do grupo. Antes do lançamento oficial, organizamos uma pré-estreia para amigos(as), conselheiros(as) e formadores(as) de opinião, no dia 25 de junho de 2004; foi na Associação de Dirigentes do Mercado Imobiliário (ADEMI), na Urca, em parceria firmada por intermédio de Marcio Fortes, conselheiro da Escola de Gente. Queríamos saber como o espetáculo seria acolhido. A receptividade foi excelente. Uma proveitosa conversa com sugestões da plateia se seguiu à apresentação.

Nessa roda, estava o empresário Sergio Tavares, diretor da Urbi et Orbi, que se tornou o primeiro a fazer uma doação para o projeto. Em seguida, indicou o grupo para se apresentar em dois eventos importantes, sinalizando que a pré-estreia havia sido um sucesso: o 4º Encontro de Negócios Urbi et Orbi – Os Melhores do Mundo, organizado por ele, em Angra dos Reis; e o 10º Congresso Mundial de Gestão de Recursos Humanos, promovido pela Associação Brasileira dos Profissionais de Recursos Humanos – Rio de Janeiro.



Belo Horizonte, 2007

Por que a Urbi et Orbi apoiou em 2004 um grupo de teatro que acabava de ser criado?

“Vi que *Os Inclusos e os Sisos* assumiam um desafio muito parecido com o meu, ou seja, mergulhar com profundidade na essência da questão da inclusão e superar qualquer adversidade para ter a satisfação de se realizar como ser Humano.”

Sérgio Tavares
Diretor



Angra dos Reis, 2004



CENA IV - Lançamento (e nervosismo) público



BRUNO – Agora era pra valer! Depois de algumas experiências com o público, era a vez do lançamento oficial do grupo!

TALITA – Nem precisa dizer que o coração estava a mil...

DIEGO – Eu só me lembro do nervosismo...

Off da ESCOLA DE GENTE – A pequena equipe da Escola de Gente se envolveu no lançamento aberto ao público, um mês depois da pré-estreia, no dia 27 de julho de 2004: na sede da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, no centro do Rio, a parceria firmada com Isabella Nunes, que coordenava a área de responsabilidade social da Firjan floresceu. Estávamos nervosos(as). Recebemos parceiros(as), jornalistas, representantes do governo, sociedade civil, conselhos e cooperação internacional. O convite dizia que após a apresentação - como de fato ocorreu - haveria um debate com Rosângela Berman Bieler, especialista em deficiência e desenvolvimento inclusivo para América Latina e Caribe do Banco Mundial, sobre o tema:

Qual é o papel dos jovens na construção de uma sociedade inclusiva?

Luiz Augusto Salazar, um de nossos(as) fundadores(as), era um dos mais entusiasmados e acompanhou de perto o processo de criação e construção do novo grupo. Nessa fase, foi fundamental a parceria com a empresa Meio e Mídia, particularmente com Claudia Leite e Fred Toledo, hoje na Iluminatti Comunicação e Design. Foi Claudia quem criou a segunda parte do nome do grupo: *Teatro de Mobilização pela Diversidade*. Foi Fred quem projetou o primeiro *folder* a partir de registros do fotógrafo Frederico Mendes.





CENA V - Criando cenas... já em Libras

NATÁLIA – Nessa fase inicial, e mesmo depois do lançamento, o grupo era responsável por todos os aspectos da cena. Criávamos os figurinos, os adereços, a trilha sonora. Anna Paula ficou com a responsabilidade de ser a porta-voz dos Inclusos junto à Escola de Gente. Bruno, com os figurinos. Talita criou a *Música da Inclusão*.

DIEGO – E fazíamos muitas improvisações! Assim iam surgindo os textos das cenas. Depois a direção amarrava tudo e juntava as esquetes. Nossas primeiras apresentações foram assim: cenas curtas, que variavam de acordo com a demanda de cada evento do qual participávamos. O nome do grupo se confundia com o espetáculo.

BRUNO – Desde esse tempo temos um espectador que jamais nos decepciona. É o Alberto Arguelhes, responsável pela WVA Editora, incubadora da Escola de Gente. Há esquetes que ele já viu 40 vezes e ri alto, escancarado, como se fosse a primeira...

Off da ESCOLA DE GENTE – Sempre nos surpreendemos com a precisão do grupo na criação das esquetes. Nunca cometeram um erro conceitual, apenas contribuímos com uma ou outra sugestão. Desde o início captaram toda a sutileza dos processos de discriminação praticados pelas pessoas – incluindo nós e eles(as) – mesmo sem desejar e sem perceber. Para a Escola de Gente, Os Inclusos foram uma linda descoberta. Percebemos que havia um modo mais simples e muito efetivo de falar de inclusão para grandes públicos, para mobilizar, sensibilizar, aprofundar conceitos e para incidir na formulação de políticas: a cultura e a arte.

MARCOS – Já nessa fase, fazíamos um bate-papo com a plateia depois da peça sobre inclusão. Lembram do primeiro debate lá em Salvador, no congresso da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down? O convite foi de Rosane Lowenthal, conselheira da Escola de Gente e presidente do congresso. Naquele tempo, a Claudia Werneck ainda ficava ao nosso lado, pronta para nos ajudar em caso de necessidade...

Off da ESCOLA DE GENTE – Desde o início, ficou acordado com os(as) jovens que deveriam participar da formação continuada em inclusão, direitos humanos e diversidade oferecida à juventude dos demais projetos da Escola de Gente. Foi assim, e a partir de suas próprias vivências, que o grupo ganhou consistência teórica para discutir inclusão em público, como fazem até hoje. A verdade é que nunca precisaram ser “socorridos” nos debates. Nem fora deles...

Um fato foi marcante. Em 10 de setembro de 2004, quando se apresentaram no IV Congresso Brasileiro sobre Síndrome de Down – Família, Agente da Inclusão, em Salvador, o grupo sentiu, pela primeira vez, o quanto estava sendo corajoso em defender a proposta de uma educação inclusiva no país, o que já era lei, além de ser o tema principal defendido no congresso da Federação. Embora muito aplaudidos(as) no palco e após o debate, receberam, entretanto, quando estavam sozinhos(as) na saída do teatro, alguns “puxões de orelha” de pessoas que não concordavam com o modo como nas esquetes haviam apontado a discriminação que existia – e existe – nas escolas, em relação a crianças com deficiência.



Nova Iguaçu, 2007



Belford Roxo, 2007

BRUNO – Porque não bastava apenas falar de inclusão. Era preciso aplicar. Mudar a prática que envolvia o tema e sua circulação em nosso espetáculo.

TALITA – Até a presença do intérprete de Libras causava muito espanto.

NATÁLIA – Já em 2004 só nos apresentávamos com intérprete de Libras! Ainda hoje essa medida é raríssima nos eventos culturais.

TALITA – O Jadson, o Damião, o Davi... Intérpretes de Libras que estiveram conosco em dezenas de espetáculos e que continuam até hoje! O Jadson, inclusive, que está nesta página, integra um outro projeto da Escola de Gente, o *Oficineiros(as) da Inclusão*.

Off da ESCOLA DE GENTE – Ter intérpretes de Libras nos espetáculos nos deu a oportunidade de explorar um diálogo inusitado na classe artística, o da cultura com a inclusão. Diálogo que interfere na estrutura, concepção e estética que regem os espetáculos, filmes, exposições, quaisquer produtos culturais. Agradecemos a todos(as) os(as) intérpretes com quem já atuamos e iremos atuar.

BRUNO – Difícil era fazer o pessoal da UNIRIO entender o que estávamos fazendo, que combinação era essa de teatro com inclusão e deficiência. É teatro empresa? Não. É teatro só para quem tem deficiência? Não. Fazíamos (fazemos!) comédia! Comédias inclusivas!



Rio de Janeiro, 2009

Bruno se levanta e fecha-se um foco de luz sobre ele.

BRUNO – Apesar de lidarmos com temas tão complexos, optamos pelo viés cômico, porque a comédia é algo que está na gente! É através do humor que conseguimos chamar a atenção da plateia, que não apenas se diverte, mas também reflete sobre suas próprias atitudes, quando percebe o que realmente existe por trás dos exageros e das situações patéticas mostradas pelos(as) nossos(as) personagens. O riso dos(as) nossos(as) espectadores(as) não é um riso raso. É nervoso, instável e muitas vezes defensivo. Queremos mesmo é instigar, provocar, transformar. E a comédia serve como uma luva! Fico feliz por termos escolhido esse caminho.

O foco vai sumindo em resistência até a escuridão.

Belo Horizonte, 2007



Primeiro Intervalo

De 2003 a 2009, o grupo criou quatro espetáculos teatrais

86



Os Inclusos e os Sisos - Espetáculo de Esquetes

Comédia versátil e flexível, pode ser executada em qualquer espaço, sendo composta por diversas pequenas cenas com conteúdo mais didático. É apresentada especialmente em escolas, empresas, organizações e eventos da área de responsabilidade social. O grupo já criou 45 esquetes e continua elaborando novas.

Belford Roxo, 2007

Histórias do Final da Fila

Através de 32 personagens, quatro atores e atrizes retratam de maneira engraçada e provocativa o quanto as pessoas têm dificuldade de se relacionar com qualquer diversidade no ambiente de trabalho, escola e família, principalmente quando uma delas tem deficiência ou mobilidade reduzida.





TV Infância!

A peça se passa num telejornal, no qual o enfoque do dia é o tema “direitos da criança”. Com muito humor e irreverência, os(as) personagens que comandam o programa ao vivo irão se deparar com uma série de situações embaraçosas no diálogo com seus(suas) entrevistados(as), colocando à prova o que entendem por uma sociedade inclusiva.

Rio de Janeiro, 2006



Ninguém mais vai ser Bonzinho

Quatro pessoas se conhecem num ônibus após um sequestro, entre elas, uma pessoa com síndrome de Down. Perdidos(as) e sem qualquer perspectiva de ajuda, precisam encontrar uma maneira de sair da enrascada, sob o perigo iminente da volta dos bandidos.

Rio de Janeiro, 2009



“Mamãe, se eu nascesse diferente do que você queria, você ainda iria gostar de mim?”
(Trecho da esquete *Mãe e Filha*)



**“Senhor, a regra do concurso é clara. Só podem participar tomates normais.
Ou melhor, mais que normais. Tomates perfeitos”**
(trecho da esquete *Festival do Tomate*)